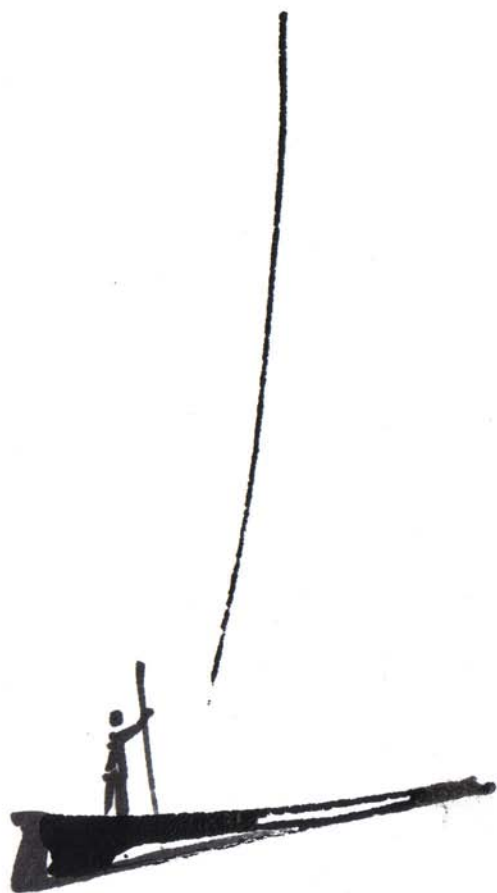


Do Homo sapiens ao Homo ecologicus

Maurício Andrés Ribeiro (*)



“Sou membro de uma espécie frágil, ainda nova na Terra, as criaturas mais novas em qualquer escala, presentes aqui há apenas alguns momentos na perspectiva evolucionária de tempo, uma espécie juvenil, a criança das espécies [...] Este é um lugar muito grande, e eu não sei como ele funciona.”

Dois planetas se encontram. Coçando-se, um diz: “Estou incomodado com essa coceira.” Pergunta o outro: “O que pode ser isso?” O primeiro responde: “Acho que é *homo sapiens*”. O segundo finaliza a conversa: “Não se preocupe, isso passa logo.”

A vida humana entrou em cena já no final da era cenozóica. Co-evoluiu, durante esse período, com as demais espécies vivas animais e vegetais no planeta. Delas se diferenciou pela capacidade de pensamento (neocortex cerebral), e de ação (mãos), instrumentos de produção da cultura humana, mediada pela palavra, bem como pela capacidade expandida de comunicar experiências por meio da linguagem (verbal, gestual).

A biologia classifica os seres vivos em gêneros e espécies e lhes dá nomes em latim. A **superfamília** dos *hominoidea* inclui os símios - chimpanzés, gorilas e o **gênero** *homo*. As ciências nos classificaram como os *Ardipithecus ramidus* na África, seguidos pelos *Australopithecus*. Há dois milhões de anos surgiu na África o *homo habilis* e o *homo faber*, pelas habilidades do fazer com a ajuda das ferramentas. Tais habilidades são compartilhadas com o joão de barro, os cupins, os crustáceos que fabricam suas moradias ou o castor que represa a água.

Em seguida, na idade da pedra, também apareceu na África o *Homo ergaster* "homem erguido", bem como o *Homo erectus*, designado pela postura. A Ásia e a Europa conheceram também o Homem de Neandertal.

Deste, todas as **espécies** se extinguíram, exceto o *homo sapiens*, surgido há apenas 150 mil anos.¹ É pouco diante da imensidão das eras geológicas, que se estendem por bilhões de anos, desde quando se deu a evolução física do cosmos, a Terra se formou e veio a abrigar a vida. Há 50.000 anos, o *homo sapiens sapiens* o sucedeu. O *homo sapiens sapiens* tem fabulosa capacidade de adaptação a vários ambientes e climas, tendo ocupado todo o planeta. Essa espécie exerceu papéis diferenciados, passando de personagem de fundo do palco a protagonista, com características distintas entre as espécies vivas no atual estágio da evolução.

Nossos antepassados, originários na África, expandiram-se para o Oriente Médio, Ásia, Europa e Américas. Extinguíram competidores. Sobreviveram à longa era do gelo. Ao final da era glacial, há 11.500 anos, quando o clima proporcionou condições propícias, deram início à idade da pedra, por volta do ano 9.000 A.C.

Tornaram-se grandes predadores, que matam e comem outras espécies. O *Homo superpredator* transformou a natureza. Há oito mil anos, aprendeu a domesticar animais e plantas e o uso do solo foi transformado, com a revolução agrícola. Viveram a idade do bronze no terceiro milênio antes de Cristo; a idade do ferro, no segundo milênio antes de Cristo. A partir daí, floresceram civilizações humanas sofisticadas e criativas.

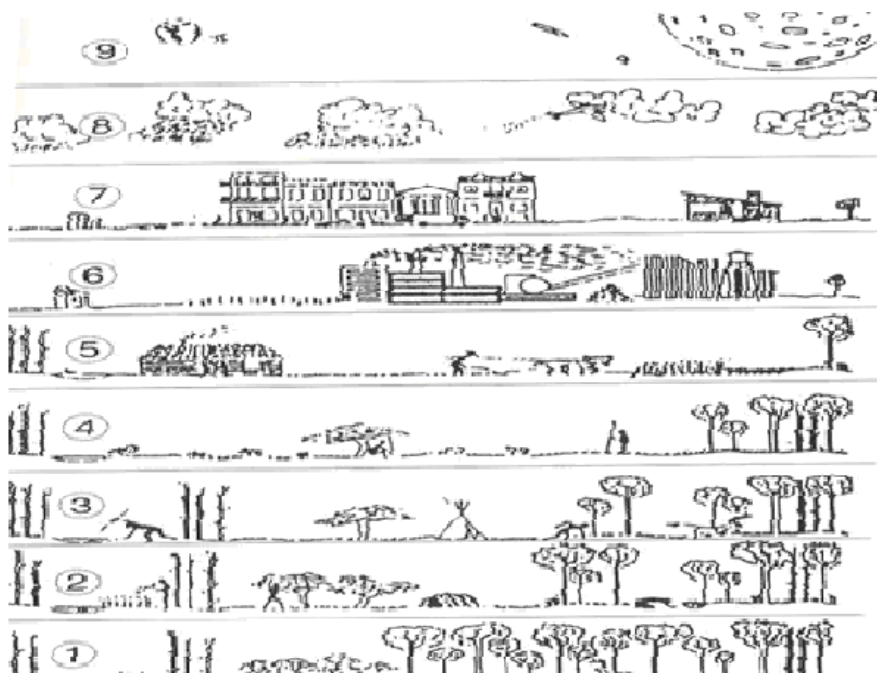
¹ Observa Eduardo Weaver que essa abordagem da evolução do homem e as datas mencionadas estão de acordo com a ciência convencional. No entanto, mesmo no campo da ciência moderna existem evidências que remetem a origem do *homo sapiens* para uma data muito anterior aos 150.000 anos AC. As idades mencionadas em tabela são objeto de discórdia entre cientistas e arqueólogos. A cronologia do aparecimento do homem na Terra é totalmente diversa de outras. Assim, por exemplo, na Antropogênese de Blavatsky (na sua obra “A Doutrina Secreta”) ela escreve que floresceu na Atlântida há centenas de milhares de anos uma avançada civilização da qual descendem os incas, toltecas, maias e povos andinos.



Pierre Dansereau² identificou, desde a Pré-História até a atualidade, nove passos na relação da espécie humana com o ambiente, que compreendem 1.as terras virgens, antes da existência humana; 2. a fase da coleta de frutos e depois 3.a caça e a pesca; 4. em seguida, o pastoreio, com a domesticação de espécies animais; e 5. a domesticação dos vegetais, na revolução agrícola., 6. a revolução industrial ocorrida já no século XVIII de nossa era amplificou os impactos da ação humana sobre a natureza. Vivemos a transição entre as fases da 7.urbanização e a 8.do controle climático. Como etapa 9, prospectiva, ele vislumbra a fuga exobiológica, ou transmigração, prenunciada pelas pioneiras viagens espaciais e que daria início à era cosmozóica da evolução humana. (ver figura 5)

Figura 5 - Etapas na relação do homem com o ambiente
Fonte - Pierre Dansereau

² Pierre Dansereau é autor de vários artigos e livros clássicos, entre os quais destacamos “A Ecologia e a Escalada do Impacto Humano”. Grande parte de sua obra está traduzida em português no livro “**Ecologia Humana, Ética e Educação**” de Paulo Freire Vieira e Maurício Andrés Ribeiro, APED, 2000.

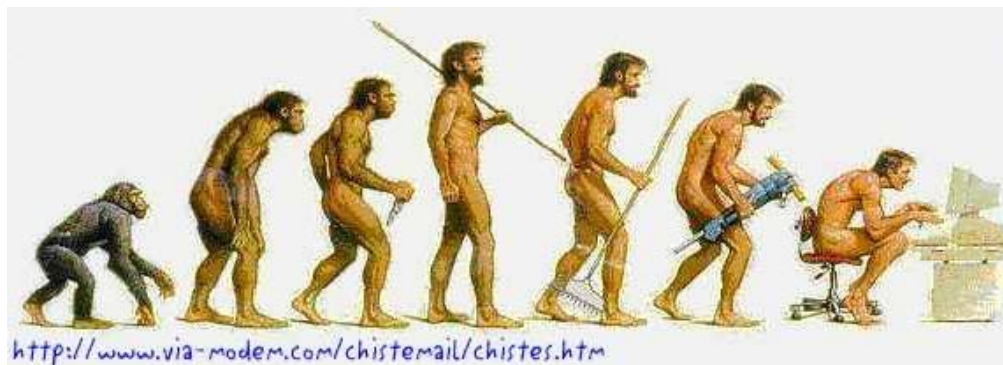


No caso do ser humano, as propostas de classificação que surgem não se baseiam mais em diferenças biológicas ou genéticas, mas nas qualidades da consciência. A evolução biológica lenta é ultrapassada pela rápida evolução da consciência.

Quais as imagens e percepções que temos de nós mesmos?

Há uma diversidade e infinidade delas, cada qual realçando um aspecto ou característica de nossa consciência e atitude. Nossa espécie de *homo sapiens sapiens* tem capacidade de auto-reflexão e de autoconhecimento. Fomos designados como *homo demens* (“O homem é esse animal louco cuja loucura inventou a razão”, disse Cornelius Castoriadis); como o *homo moralis*, um primata que coopera; o *homo sportivus* e o *homo ludens*, pelas características lúdicas, que compartilha com outros animais que jogam e gostam de brincar e fazer humor (Johan Huizinga) (Figura 6); o *homo bellicus* por seu caráter guerreiro; ao desenvolver a tecnologia e a economia somos os *homo technocraticus* e o *homo economicus*, espécie composta de um conjunto de indivíduos egoístas em busca de gratificação pessoal e acumulação material. Já o *homo scientificus* valoriza a observação objetiva, a classificação e a mensuração.

Figura 6 – O Homo ludens



Edgar Morin fala do *homo complexus*, que lida com a complexidade. Hoje podemos nos ver também como o *homo lixus*, a única espécie animal que produz lixo: dois milhões de toneladas por dia. E ainda como o *homo stressatus*, o homem estressado moderno, com as conseqüências que isso traz à sua saúde, ansioso, com medo e preocupado com o futuro e com ameaças reais ou imaginárias. Diegues imagina o *homo ricus*, uma parcela da humanidade que derivará da plutocracia atual e que se descolará do restante da espécie dentro de algumas décadas, beneficiária de onerosos avanços da medicina, que nem todos podem pagar.

Ao ocuparmos todo o planeta, nos vemos como *homo planetaris*; ao viajarmos no espaço, somos os *homo cosmicus*. O biólogo Edward O. Wilson assim descreve o *homo proteus*: “Cultural, flexível, com vasto potencial. Conectado e dirigido pela informação. Move-se, adapta-se, pensa em colonizar o espaço. Lamenta a perda da natureza e espécies, mas esse é o preço do progresso e, de todo modo, isso tem pouco a ver com o futuro”. Alguns transumanistas, que trabalham com a perspectiva de um ser evolutivo, acenam com o surgimento do *homo perfectus* que atua por meio do uso ético das tecnologias para estender as capacidades humanas. Ou o *homo noolocigus*, que será aquele que vive consciente das conseqüências de seus atos.

A senadora Marina Silva diferencia o *homo sapiens* global e o local. O *homo sapiens* global é refinado, porém vulnerável diante de situações extremas. Do outro lado está “o *Homo sapiens* local: mais rústico, mais resiliente, mais adaptável à escassez, menos dependente de tecnologia, com conhecimentos associados aos recursos naturais e domínio do saber narrativo: saber escutar, enxergar, fazer. Quem sabe, desse encontro de saberes nesse momento de transição, não estejamos forjando o **Homo sustentabilis**?” Essa pergunta retoma a questão da transitoriedade da espécie. Se o ser humano é um ser em transição sujeito a uma mutação e consciência, cultural e de comportamento, como propõe Sri Aurobindo, ele transita em direção a que? Qual será a modalidade de ser que o sucederá?

A percepção de que essa espécie é um ser em transição se encontra presente na internet, onde há mais de 3000 menções ao *homo ecologicus*. Como podemos definir as principais características desse ser emergente e que ainda dá seus primeiros passos?

As atitudes e ações do *homo ecologicus* derivam de sua consciência ecológica que, por sua vez, é alimentada pelos conhecimentos dos vários ramos das ciências ecológicas. Ele atua tanto individualmente, em seu cotidiano, como também atua no sentido de que o grupo e a comunidade à qual pertence se organizem ecologicamente. Ele reconhece a inteligência contida no mundo natural e imita os processos naturais em suas tecnologias e práticas. O *homo ecologicus* se caracteriza sobretudo pelo comportamento de respeito à natureza e à biodiversidade; protege o meio ambiente e o valoriza em suas ações cotidianas, tornando-se agente de mudança ecológica. Reconhece sua co-dependência com a natureza, tem propensão a desenvolver uma consciência planetária, cósmica, universal; cultiva um respeito fundamental pela Mãe Terra.

O *homo ecologicus* precisará exercitar e superar-se em sua consciência e atitudes: precisará desenvolver sua energia psíquica para superar pressões e desafios grandiosos; deverá exercitar a disposição, argúcia, perícia e habilidade, sangue frio, astúcia, audácia e ousadia para compreender e dar respostas adequadas aos problemas emergentes com os quais se defronta a coragem para enfrentar conflitos de interesses; precisará cultivar a autoconfiança em sua capacidade de responder aos problemas; a honestidade em encarar a verdade e reconhecer seus erros e a compaixão e solidariedade para com os demais seres e suas fraquezas; precisará ter lucidez e sabedoria para compreender as questões e discernimento para tomar decisões. Precisarão de paciência e tenacidade para não se

desesperar e perseverar em seu caminho correto. Precisará exercitar sua capacidade de aten o e de concentra o, sem perder sua visão holística e integral.

Todos precisarão fazer o melhor daquilo que sabem e podem fazer. Será necessário muito conhecimento para embasar as decisões sobre a a o correta e necessária e para evitar erros que podem trazer sofrimentos e ser fatais.

(*)Autor de Ecologiaa, Ecologizando a cidade e o planeta e Tesouros da India WWW.ecologizar.com.br
mandrib@uol.com.br